

O tempo experienciado nas práticas de candomblé e sua abertura de possibilidades

Maria Eduarda Cardoso de Melo Capotorto

Doutoranda em Filosofia na PUC-Rio

<http://lattes.cnpq.br/4243670049316182>

dudacapotorto@yahoo.com.br

109

A presente comunicação se propõe a pensar os tempos que coexistem no contemporâneo guiando-se pelo pensamento filosófico proposto pelas religiões afro-brasileiras. Cruzar conceitos, pensamentos e tempos.

Aqui o Brasil dá lugar aos Brasis, essa formação acontece por diversos encontros que constroem tal identidade plural, que é posta em cena no desfile de carnaval de 2019 da Estação Primeira de Mangueira com o samba-enredo “História para Ninar Gente Grande”. Será trabalhada a evocação de um outro tempo e de um outro mundo apresentado nos rituais das práticas de candomblé. As tradições se reatualizam a cada vez que são feitas e se modificam incorporando costumes de um tempo que é exterior ao terreiro, nesse momento, percebe-se a tentativa de concatenar dois tempos num mesmo cotidiano e pensar/ viver a sincronicidade do assíncrono. A forma do tempo cíclica esbarra no tempo linear e encontram um ponto em comum.

Pensando junto a Peter Pál Pelbart em *Rizoma Temporal*, o contemporâneo pode ser pensado como um momento de heterocronias, no qual diferentes pontos podem ser conectados e devem sê-lo; não fixa ordem, mas coloca em relação diferentes elementos. Indo ao conceito de Deleuze e Guattari, tem-se que um rizoma possibilita múltiplas entradas. Nesse caso, talvez o tempo no contemporâneo não possa ser compreendido, exatamente, como um rizoma, mas seja rizomático. Para compreender a temporalidade mutante presente no contemporâneo, é necessário entender que cada um desses tempos dialoga com diferentes enunciados e move diversas questões, havendo muitas vezes uma comunicação entre eles. Esses efeitos se acumulam e se interferem através da abertura aos cruzos que podem acontecer.

Sendo assim, as práticas de terreiro apresentam possibilidades de lidar com as adversidades e mostram maneiras de encarar o mundo. Trata-se de experimentar as

performatividades que podem ser postas em prática. O encantamento é a disponibilidade e atitude de inventar mundos. Em diversas práticas da arte contemporânea, o corpo assume o lugar de destaque, o que colabora com a afirmação: pensar é corpo. As religiões afro-brasileiras também compreendem o pensar no corpo. “O corpo é a matriz e é ele que registra e inscreve práticas de saber legados pela comunidade.” (Simas; Rufino; Haddock-Lobo, 2020, p. 39). Dessa forma, a produção de conhecimento, a fabulação e a crença são capazes de estimular a imaginação política dos indivíduos, algo fundamental na atualidade.

Palavras-chave: Tempo. Contemporâneo. Candomblé. Rizoma. Samba-enredo. Brasis.

Bibliografia

BUCK-MORSS, S. Estética e anestética: o “ensaio sobre a obra de arte de Walter Benjamin reconsiderado”. Tradução de Rafael Lopes Azize. *Travessia: Revista de Literatura*, UFSC, n. 33, p. 11-41, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. “Introdução: Rizoma”. In: *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

GUMBRECHT, H. U. “Cascatas de Modernidade”. In: *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

PELBART, P. P. *Rizoma Temporal*. Coleção outras - palavras, v. 05. São Paulo: Ed. Escola da Cidade, 2018.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L.; HADDOCK-LOBO, R. *Arruaças: uma filosofia popular brasileira*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.